

**Neill Lochery, *Out of The Shadows.*
Portugal from Revolution to the Present Day.
London: Bloomsbury, 2017. 353 pp.**

Ana Rita Pereira Brettes
(CETAPS)

Ao longo das últimas décadas, o historiador escocês Neill Lochery, professor de Estudos sobre o Médio Oriente e o Mediterrâneo no University College London, tem consolidado uma produção bibliográfica significativa dedicada à história contemporânea de Portugal,¹ com particular ênfase no seu posicionamento internacional ao longo do período que vai do início do Estado Novo até 2015. Inserível neste contexto, a sua obra *Out of the Shadows. Portugal From Revolution to the Present Day* (2017),²

-
1. A sua obra mais conhecida, *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945* (2011), foi amplamente divulgada em Portugal através de diferentes edições e traduções, destacando-se as versões de Talita M. Rodrigues (2012), Alberto Gomes (2012 e 2014) e Tiago Marques (2021). Acrescenta-se que em 2023 foi publicada uma recensão crítica da autoria de João Paulo Ascenso Pereira da Silva, no número 23 desta revista, intitulada “Neill Lochery. *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945*. New York: Public Affairs, 2012 (2011)”, pp. 337-349. Seguiram-se outros estudos de relevo, como *Lisboa: A Cidade Vista de Fora, 1933-1974* (2013), cujo manuscrito original foi entregue diretamente à editora para tradução, mas que manteve a mesma linha de análise sobre o contexto político e cultural português durante o período do Estado Novo. A fase mais recente da sua produção inclui *Porto: Gateway to the World* (2020), publicado em português, no mesmo ano, sob o título *Porto: A Entrada para o Mundo*. Em 2023, Lochery publicou *Cashing Out: The Flight of Nazi Treasure, 1945–1948*, obra dedicada às movimentações de tesouros nazis no pós-guerra, que veio a ser traduzida para português em 2024 sob o título *Lisboa II. Os Países Neutros e a Pilhagem Nazi: A Última Grande Fuga da Segunda Guerra Mundial*. No seu conjunto, estas publicações e respetivas traduções revelam não só o interesse internacional suscitado pela abordagem de Lochery à história de Portugal, mas também a sua relevância académica e editorial no panorama historiográfico contemporâneo.
 2. Doravante referido apenas como *Out of the Shadows* (2017).

procura oferecer uma visão abrangente e integrada das transformações históricas ocorridas em Portugal, entre 1974 e 2015, articulando-a com a perspectiva do Eu britânico. No mesmo ano da publicação do texto original *Out of the Shadows* (2017) foi publicado o texto em português, *Portugal Saído das Sombras. Da Revolução de 1974 até ao Presente*,³ decisão editorial que atesta a relevância imediata da obra no espaço luso.

Em *Out of the Shadows* (2017), ao longo de vinte seis capítulos, o autor apresenta uma proposta metodológica clara: a de olhar para a história recente de Portugal de forma “tridimensional”, cruzando perspectivas da política interna, da diplomacia internacional e das transformações sociais. Este anúncio é acompanhado da promessa de oferecer uma visão histórica original e única, capaz de trazer à luz informações inéditas e interpretações alternativas. A presente recensão crítica procura justamente avaliar em que medida o autor cumpre tal promessa, interrogando a relevância do recurso a referências musicais, televisivas e lúdicas internacionais como formas estruturantes da narrativa, bem como a consistência da documentação mobilizada.

Desde o prólogo, Lochery adota um registo híbrido, marcado pela aproximação entre recursos literários e narrativa histórica. A descrição ficcionalizada e, por vezes, personificada de Lisboa, no início do texto, funciona como dispositivo narrativo de enquadramento, mas levanta questões epistemológicas: até que ponto a voz autoral privilegia a opinião em detrimento da factualidade? O tom avaliativo do parágrafo final do prólogo, onde o historiador afirma que a ajuda recebida por Portugal, interpretada como condescendência por parte dos países europeus, impediu o país de experienciar um processo de amadurecimento, transformando-se num estado moderno, constitui um dos exemplos em que a subjetividade autoral se sobrepõe à objetividade documental. A insistência na tese de que diplomatas britânicos e norte-americanos desconheciam por completo a iminência de

3. Um elemento paratextual digno de nota nesta tradução prende-se na escolha da manutenção dos títulos em inglês por parte dos tradutores, Manuel Alberto Vieira e Alberto Gomes, cuja carga simbólica dialoga com os temas abordados em cada capítulo.

um golpe militar em abril de 1974, embora documentada, é repetitiva e, em alguns momentos, redundante ao longo do primeiro capítulo. Ainda assim, importa reconhecer que Lochery mantém um registo literário deliberadamente acessível, com a clara intenção de criar proximidade com o leitor, em linha com os prefácios das suas obras anteriores, onde habitualmente explicita processos de escrita, reconhece influências e destaca o papel das elites políticas e económicas como motores privilegiados da história. Contrariamente ao que transparece nas duas obras anteriores – *Lisbon. War in the Shadows of The City of Light. 1939-1945* (2011) e *Lisboa. A Cidade Vista de Fora* (2013) – nas quais o historiador assume, nos agradecimentos, a importância do contato direto com personalidades portuguesas reais que viveram durante o período do Estado Novo, no prólogo a *Out of The Shadows* (2017), o autor afirma que se fundamentou em exclusivo em documentos diplomáticos estrangeiros.

A escolha de Neill Lochery em privilegiar, em *Out of the Shadows*, a voz e os relatórios dos diplomatas britânicos pode ser interpretada, no âmbito da imagologia, como um exercício de construção de identidade e alteridade, no discurso historiográfico. Ao projetar a história portuguesa recente através do olhar estrangeiro, Lochery inscreve-se na tradição de escritores anglo-saxónicos,⁴ alguns deles lusófilos, que procuraram compreender Portugal a partir de uma matriz externa, mas simultaneamente reproduziram a assimetria cultural entre centro e periferia. Tal como defendem Manfred Beller e Joep Leerssen em *Imagology. The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters. A Critical Survey* (2007), os estereótipos e as imagens nacionais (“ethnotypes”) não constituem descrições objetivas de realidades nacionais, mas antes construções discursivas e culturais (“mental images”) que revelam mais sobre o imaginário de quem as produz do que sobre a realidade que alegadamente representam. (12) Assim, ao privilegiar a perceção britânica sobre Portugal, o

4. Entre estes, podem mencionar-se Ronald Weber (1934-2024), *The Lisbon Route. Entry and Escape in Nazi Europe* (2011); Marion Kaplan (1946-), *The Portuguese, The Land and Its People* (1998) e Tom Gallagher (1954-), *Salazar. The Dictator Who Refused to Die* (2020) e *Portugal and the West. From British Ultimatum to Utopian Revolt, 1890-1975: Social Volatility, National Assertion, and Nervous Collapse* (2025).

autor cristaliza uma representação em que o país surge marcado pela fragilidade política e dependência internacional, o que revela mais sobre os horizontes de expectativa anglófonos do que sobre a experiência portuguesa em si mesma. Em *O Labirinto da Saudade* (1978), Eduardo Lourenço já havia chamado a atenção para este fenómeno, sublinhando como Portugal, na modernidade, se vê frequentemente representado a partir de olhares externos, que reforçam a sua posição periférica no quadro europeu. (34)

Para a leitura crítica de *Out of the Shadows*, considera-se pertinente adotar uma fundamentação teórica que permita compreender a obra não apenas como uma tentativa de reconstituição factual da história de Portugal, entre 1974 e 2015, mas também (e sobretudo) como uma construção narrativa marcada por escolhas estilísticas, epistemológicas e intertextuais. Neste sentido, importa recordar a reflexão de Hayden White, em *The Fiction of Narrative: Essays on History, Literature and Theory, 1957-2007*, quando afirma que “vivenciamos a ‘ficcionalização’ da história como uma ‘explicação’ pelo mesmo motivo que vivenciamos a grande ficção como iluminação de um mundo que habitamos juntamente com o autor.” (116) Lochery mobiliza este princípio, ao permitir que o leitor experiencie a história através de associações intertextuais e reminiscências culturais. A título de exemplo, atente-se no capítulo 7, no qual estabelece paralelos entre acontecimentos políticos e a estreia da novela brasileira *Dancing Days* nas televisões portuguesas, em 1979, relembra músicas icónicas como YMCA e compara temporalmente as mortes de Francisco Sá Carneiro e do ex-Beatle John Lennon, em 1980. (72-73) Estes recursos transportam o leitor simultaneamente para a mente criativa, as preferências pessoais do autor e para um universo histórico-cultural partilhado, permitindo que a narrativa seja vivida em co-presença, com a sensibilidade do historiador. Ao optar por títulos musicais⁵ como fio

5. As músicas em língua inglesa que dão o título a cada parte e capítulo de *Out of the Shadows* (2017) são as seguintes:

Parte 1 - “Children of the Revolution” (cantado por T-Rex em 1972)

Capítulo 1 - “Revolution” (cantado pelos Beatles em 1968)

Capítulo 2 - “Wish you were here” (cantado pelos Pink Floyd em 1975)

Capítulo 3 - “SOS” (cantado pelos ABBA em 1975)

condutor ou ao construir descrições ficcionalizadas de Lisboa, o autor oferece uma interpretação situada e parcial, ainda que ambiciosa na sua intenção de apresentar uma “nova história”.

Na “Parte I – Children of the Revolution” (T. Rex, 1972) e nos capítulos “Revolution” (The Beatles, 1968), “Wish You Were Here” (Pink Floyd, 1975), “SOS” (ABBA, 1975) e “In the City” (Eagles, 1979), bem como ao longo de toda a obra, os nomes dos capítulos convocam uma dimensão intertextual que se cruza com a narrativa histórica proposta, abrindo espaço para questionar a pertinência temática de cada referência musical no desenvolvimento analítico. Interessa, portanto, analisar se existe relevância temática entre cada canção e os acontecimentos narrados, e até que ponto esta estratégia contribui para reforçar (ou limitar) a tridimensionalidade histórica anunciada no prólogo. Complementarmente, importa observar como a ausência de entrevistas formais a protagonistas políticos portugueses, opção assumida por Lochery e repetida tanto no início

-
- Capítulo 4 - “In the City” (cantado pelos Eagles em 1979)
 - Parte 2- Safe European Home (cantado por The Clash em 1978)
 - Capítulo 5 - “Trans Europe Express” (cantado por Kraftwerk em 1977)
 - Capítulo 6 - “Picture This” (cantado por Blondie em 1978)
 - Capítulo 7 - “London Calling” (cantado pelos The Clash em 1979)
 - Capítulo 8 - “The Eternal” (cantado por Joy Division em 1980)
 - Parte 3 – Mad World (cantado pelos Tears for Fears em 1982)
 - Capítulo 9 - “Ghost Town” (cantado por The Specials em 1980)
 - Capítulo 10 - “This is the Day” (cantado pela banda The The em 1983)
 - Capítulo 11 - “What Difference Does it Make?” (cantado por The Smiths em 1984)
 - Capítulo 12 - “Road to Nowhere” (cantado por Talking Heads em 1985)
 - Parte 4 - Absolute Beginners (cantado por David Bowie em 1986)
 - Capítulo 13 - “Holding Back the Years” (cantado por Simply Red em 1985)
 - Capítulo 14 - “With or Without You” (cantado pelos U2 em 1987)
 - Capítulo 15 - “All Around the World” (cantado por Lisa Stansfield em 1989)
 - Parte 5 – Fields of Gold (cantado por Sting em 1993)
 - Capítulo 16 - “Wicked Game” (cantado por Chris Isaak em 1989)
 - Capítulo 17 - “Under the Bridge” (cantado pelos Red Hot Chili Peppers em 1991)
 - Capítulo 18 - “Fake Plastic Trees” (cantado pelos Radiohead em 1995)
 - Capítulo 19 - “Don’t Look Back in Anger” (cantado pelos Oasis em 1995)
 - Parte 6 – No Surprises (cantado pelos Radiohead em 1997)
 - Capítulo 20 - “Overload” (cantado pelos Sugababes em 2000)
 - Capítulo 21 - “Hurt” (cantado pelos Nine Inch Nails em 1994)
 - Capítulo 22- “Fix You” (cantado pelos Coldplay em 2005)
 - Capítulo 23 - “Chasing Cars” (cantado pelos Snow Patrol em 2006)
 - Parte 7 – Cruel World (cantado por Lana del Rey em 2014)
 - Capítulo 24 - “Hometown Glory” (cantado por Adele em 2007)
 - Capítulo 25 - “Love the Way You Lie” (cantado pelos Eminem em 2010)
 - Capítulo 26 - “Blame” (cantado por Calvin Harris em 2014)

(introdução) como no fim do volume, mais concretamente nas notas sobre as fontes, pode ter condicionado a pluralidade de vozes representadas. Segundo Lochery, este procedimento visa evitar distrações interpretativas e a tentação de perder-se em detalhes pessoais de líderes como Mário Soares. No entanto, esta escolha acaba por limitar a representatividade da obra, na medida em que exclui a voz dos próprios atores políticos e sociais portugueses.

Esta fragilidade da narrativa Locheriana é reforçada nas notas sobre as fontes, onde a reformulação de informações históricas tende a repetir-se. A título de exemplo refira-se a alusão repetida à intervenção de Henry Kissinger no regime do Chile, dados históricos já relatados no prólogo e ao longo da narrativa. Do ponto de vista metodológico, a repetição de conteúdos em diferentes secções reforça a impressão de circularidade argumentativa. Embora tal recurso possa funcionar como elemento de clareza para leitores não especializados, compromete a densidade analítica da obra e fragiliza a promessa de novidade historiográfica anunciada no prólogo. Este enquadramento deverá guiar a análise crítica do leitor, capítulo a capítulo, procurando avaliar a eficácia da escolha musical enquanto paratexto, a consistência do uso das fontes e a relação entre o discurso narrativo e a promessa de novidade historiográfica. Observe-se, a título de exemplo, os quatro primeiros capítulos.

Na já referida Parte I, intitulada “Children of the Revolution” (T. Rex, 1972), a referência musical à canção de T. Rex antecipa o ambiente de rutura geracional e cultural que contextualiza o 25 de Abril de 1974. A escolha é significativa, pois evoca uma juventude em transformação e o espírito de contestação que marcou os anos setenta, estabelecendo uma ponte entre o imaginário britânico e o processo revolucionário português.

O capítulo 1, “Revolution” (The Beatles, 1968), centra-se no primeiro ano da Revolução, sublinhando sobretudo as relações externas de Portugal, a partir de documentação britânica e norte-americana. A pertinência da letra e da música dos Beatles parece ser clara: questionar a revolução, os seus sentidos e direções futuras. No entanto, a narrativa peca por apresentar uma visão algo redutora, porque limitada

ao olhar anglo-saxónico e negligenciando aparentemente as fontes portuguesas. Neste âmbito, a evocação da teoria de White afigura-se de novo útil, pois ao construir uma narrativa a partir de perspetivas externas, Lochery interpreta a história através de um filtro particular, revelando tanto a força como os limites da sua abordagem.

No capítulo 2, “Wish You Were Here” (Pink Floyd, 1975), Lochery aborda a instabilidade política de 1975, a chegada dos retornados e as dificuldades sociais e económicas. A canção dos Pink Floyd, marcada pela melancolia, ausência e perda, identifica-se simbolicamente com a experiência traumática dos que regressaram das ex-colónias e com a sensação de incerteza coletiva.

No capítulo 3, “SOS” (ABBA, 1975), a razão da escolha da canção torna-se porventura mais evidente, em termos temáticos, pois reflete a busca desesperada de Portugal por apoio financeiro internacional, em plena crise social e económica. O capítulo descreve as tentativas de obter auxílio externo, confirmando a fragilidade do país, recém-saído da ditadura. Contudo, mais uma vez, a narrativa é dominada por fontes anglófonas, marginalizando o olhar português sobre as dificuldades internas.

Por último, no capítulo 4, “In the City” (Eagles, 1979), Lochery constrói uma narrativa de forte carga imagética, quase cinematográfica, para retratar a consolidação democrática e o papel desempenhado por Lisboa enquanto espaço de encontro político e social. A música dos Eagles sugere urbanidade, dinamismo e mudança, funcionando como uma metáfora da progressiva integração de Portugal no contexto internacional. Do ponto de vista narrativo, o recurso literário é eficaz, mas mantém-se a tendência em atribuir ao olhar externo o protagonismo da história portuguesa, deixando para segundo plano a agência popular e militar.

A escolha do historiador em nomear os capítulos de *Out of the Shadows* (2017) com títulos de canções anglo-saxónicas pode ser analisada sob múltiplas perspetivas, pois revela uma estratégia que combina objetivos comunicacionais, culturais e comerciais. Em primeiro lugar, a utilização de referências musicais de artistas consagrados, como Adele, Eminem ou Calvin Harris, (*vide* nota de rodapé 5)

aproxima o leitor não académico do texto, facilitando a compreensão e a identificação emocional com o conteúdo histórico, ao inseri-lo num contexto cultural globalmente reconhecível. Paralelamente, esta opção aproxima a obra da cultura pop, conferindo-lhe um tom contemporâneo e lúdico, que poderá contribuir para captar o interesse de um público mais jovem, amplo e diversificado. Do ponto de vista do marketing editorial, a intertextualidade musical funciona como um recurso persuasivo e potencialmente motivador da aquisição do livro, ao apelar à memória afetiva e ao imaginário cultural do leitor. Por fim, é possível considerar que esta estratégia reflete também uma dimensão pessoal e criativa do autor, que integra os seus gostos e referências culturais na construção da obra, combinando intencionalidade estética e propósito comercial, num gesto que torna a narrativa histórica mais envolvente e mediática.

Em *Out of the Shadows* os paratextos desempenham, não raro, um papel central, contribuindo para fortalecer e consolidar a dimensão literária da obra. Mais se acrescenta que estes funcionam não apenas como elementos acessórios, mas sobretudo como parte integrante da estratégia narrativa de Lochery. As trinta e duas páginas, não numeradas, de fotografias a preto e branco, inseridas no volume entre as páginas 128 e 129 e entre as 256 e 257, desempenham uma função essencialmente documental, na medida em que corroboram e legitimam a narrativa histórica construída pela pena criativa do autor. Estas imagens introduzem também uma dimensão estética que confere à obra um efeito quase cinematográfico, aproximando-a de um ambiente literário de cariz quase “hollywoodesco”, no qual a factua-lidade histórica é construída através de recursos visuais que reforçam a dimensão imaginativa e evocativa do texto. Estes elementos contribuem para consolidar o carácter híbrido da obra, situada num espaço intermédio entre a historiografia académica e a narrativa histórica destinada a um público mais alargado.

Ainda no respeitante aos paratextos, verifica-se que as notas de autor, as referências bibliográficas e os agradecimentos se revelam particularmente significativos para compreender o posicionamento do historiador face ao seu objeto de estudo. A dimensão confessional

do autor, nomeadamente ao reconhecer que algumas das suas percepções iniciais sobre Portugal se revelariam incorretas, contribui para humanizar a voz historiográfica, mas evidencia igualmente a centralidade da sua perspetiva pessoal no processo narrativo. Nas notas sobre as fontes, (308-310) o autor admite que muitas das suas conceções iniciais relativas à “baixa qualidade” da produção portuguesa se revelaram incorretas à luz da sua investigação, manifestando surpresa face à robustez do jornalismo português, entre 1974 e 2015. Tais elementos não só conferem maior densidade interpretativa ao volume, mas também reforçam a articulação entre a dimensão literária da escrita e as exigências de rigor historiográfico, contribuindo para a consolidação da competência narrativa do autor.

Out of the Shadows (2017) inscreve Neill Lochery no grupo de outros lusófilos britânicos, nomeadamente enquanto historiador interessado em elevar a experiência portuguesa, articulando-a com os grandes eixos da história europeia e atlântica contemporânea. A obra apresenta-se como um esforço de síntese e de divulgação de quatro décadas de história nacional, conjugando uma escrita acessível, com marcas de literariedade e com a ambição declarada de oferecer uma “nova história”. Contudo, a análise crítica permite concluir que esta promessa apenas se cumpre de forma parcial. A originalidade da estrutura narrativa, assente em títulos de canções de língua inglesa, abre espaço a uma intertextualidade que pretende estabelecer pontes entre imaginários culturais globais e a realidade portuguesa. Todavia, essa estratégia revela-se ambígua, pois, se em alguns casos (como nos capítulos “Wish You Were Here” ou “SOS”), a correspondência simbólica entre as letras das canções e os conteúdos históricos se afigura eficaz, noutros a ligação é mais ténue, funcionando sobretudo como mero recurso estilístico. Esta opção reforça a dimensão híbrida da obra, situada entre a historiografia académica e a narrativa literária, o que constitui uma virtude em termos de divulgação, mas uma limitação no plano da investigação especializada.

O livro beneficia de uma prosa clara e envolvente, mas, do ponto de vista metodológico, a sua dependência quase exclusiva de documentação britânica e norte-americana, associada à recusa explícita

de integrar testemunhos de protagonistas portugueses, resulta numa visão algo desequilibrada. Por outro lado, o peso concedido às elites políticas e económicas, a par da desvalorização da agência popular e militar, central no processo revolucionário, confirma uma interpretação seletiva e tendenciosa da história recente de Portugal. A redundância de alguns argumentos e a repetição de informação em diferentes secções reforçam esta limitação, fragilizando o impacto da narrativa enquanto contribuição inovadora para a historiografia do período em causa.

Em síntese, *Out of the Shadows* deve ser lida como uma obra de divulgação, que procura colocar Portugal no centro da história internacional do pós-1974, e não propriamente como um estudo resultante de uma investigação aprofundada ou inovadora. A sua relevância reside sobretudo na capacidade de projetar a experiência portuguesa para fora das fronteiras nacionais, convocando leitores não especialistas e reforçando a presença de Portugal no debate historiográfico global. Todavia, a obra confirma também os riscos inerentes a leituras excessivamente dependentes de fontes anglo-saxónicas, as quais, *grosso modo*, tendem a reduzir a complexidade do processo revolucionário português. Assim, a principal contribuição do volume reside menos na promessa de revelar uma “nova história” (como o autor decerto desejaria) e mais no estímulo ao debate académico sobre as formas de narrar, interpretar e internacionalizar a história contemporânea de Portugal.